

SABER QUEM SOMOS

Livro 43

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



CANÇÕES ENCOMENDADAS

Canto canções encomendadas, utilizo alguns ultrapassados encantos que já não alcançam cumprir sua missão. Acabo prisioneiro dessa luta.

Novos trajetos se desenham para que minha disponibilidade cansada se escoe, torne-se ordem do dia, aderida como um desejo permitido. Insisto, subestimo a resistência, de adversário me faço cúmplice, desarrumo a ordem que a culpa promove sempre que desejo. Faço uma tentativa de me animar, de aprender a dizer-me o que sei; que preciso ouvir.



TESOUROS

Apareço oferecendo amor a todos os tesouros da terra, busco meu eixo exclusivo, torno seletor meu gostar, tudo me indica uma seleção que deveria estar em seu lugar de sempre, mas não está. Qualquer que seja meu sentir, uma coisa é o que ofereço, outra coisa é o gostar

com que revisto minha realidade.

Tendo amado o que construí, dou um especial significado à minha vida. Tento não deixar de lembrar, já que o esquecimento perpetua uma mal formada lembrança que vive se escondendo. Dou-lhe razão quando encaro alguns resultados nada brilhantes. Deixei pedaços meus pelo caminho com a finalidade de seguir com menos cargas. Alguma coisa persiste em mim feita de retalhos. Seria imprudente fazer todas as perguntas, e por isso meu esquecimento se enche de razão, pelo fato de haver algum encanto enterrado no passado com o qual não quero me encontrar.



DENTRO DE MIM

Atraso o sentir-me só. Olham-me olhos negros, ignoram-me olhos verdes, enredo-me em cálidos apertos de mão. Dentro de mim, uma dor que chega devagar e se abriga debaixo da pele, alcança o sentimento desprevenido e atira-me ladeira abaixo, deixando-me sem rimas, sem

melodia e sem ar. Quase abrigo uma loucura órfã, solitária, abandonada por aí, desmembrada como uma intolerância que fratura.

Ainda guardo dentro de mim uma lembrança que me supera. O vazio se instala onde não é chamado. Afasto-me, sempre que posso, para retomar a capacidade de insistir em ser feliz.



CONSTATAÇÃO

Venho velar teu sono agora que há silêncio e noite. Entro em tua cama como fantasma que termina uma longa ausência. Confundo o sonho com realidade. Que a surpresa seja meu mapa.

ENTRE O PRESENTE E O FUTURO

Vi, por óbvio, toda a impossibilidade de saber o futuro. Não posso garantir nada que não fosse conhecido no presente. Impregnado pelas coisas impossíveis que se me impõem pela realidade, importo uma fantasia que mate a minha curiosidade.

A despeito da coragem e do tamanho da imaginação, incitei a ficar sujeito, a deixar de atender aos sonhos de cada um que me cerca. O que me faz antever quaisquer danos ou compensações?

O futuro com sua obscuridade, não me permite ver individuação alguma, nenhuma busca de indulto.



ELOQUAZ

Vagarosamente, autorizo o próximo passo, não quero chegar à inércia que paralisa a vida e as coisas do coração. Golpeio o vício de fingir que não é comigo, desenterro algum manual. Saio a passeio sem risco

de tropeçar. Gosto de andar com roupas largas e paro na rua para conversar, ando sem rumo como se estivesse pensando uma nova ideia. Já me habituei às calçadas desniveladas, aos constantes fluxos e à falta de providências. Assumo total sensibilidade para com tudo aquilo que me interessa. Guardo a eloquência para seduzir.



PRETEXTO

Minha indignação fervilha cercada de razões pessoais. Fustigado por uma preocupação, considero fundamental converter o discurso num ato que perpetue o possível. Fundir pessoas até tornarem-se um grupo, fustigar o egoísmo até transformá-lo em solidariedade. Lançar novos alicerces para diminuir o estrago que o abandono é capaz de proporcionar. Despedir o desperdício, o mau humor, a má vontade, inaugurar sempre a mania de nascer de novo, mais humano; aumentar o crédito, dispensar o gasto e o excesso, diminuir o volume da

voz e da ganância, não gastar mal o tempo, a água. Dividir a sobrecarga com o dia seguinte. Com dor, gemer. Rir às gargalhadas. Ameaçar pra valer. Fustigar a preguiça. Gastar a saúde com gosto e a vida com prazer. Usar como pretexto a idade avançada, uma fiança emprestada, uma obrigação devida.



NADA MAIS

Estacionar em algum lugar, não sair dele por qualquer coisa. Atrevido, agitar a quietude para colher novas lições. Fermentar, marcar com memória, produzir um alto grau de tensão na monotonia, amaldiçoar o bom exemplo, abrir mão da esperança que encalha. Confiar no risco calculado. Flutuar sobre as pragas. Fomentar a ausência de impostos. Perder a razão de tanta franqueza. Abrir gavetas. Ter uma última desilusão. Roubar um beijo duma criança. Fundear em águas potáveis. Resmungar, choramingar, suspirar, reclamar. Concertar sérios danos ocasionados. Não

dar mais um passo, não dizer nada mais além do que já foi dito. Perguntar o essencial, responder o necessário. Aguentar a confusão, expor o riso, exaurir o choro, ir até o fim. Apagar os rastros. Nisto ficar.



DESCONSOLO

Atenuei tudo o que pude, esqueci os argumentos até onde alcancei, esfacelei os restos de memória, cortei os ramos, não tive outro remédio. Levo meu passado para algum outro lugar onde caiba o camarão da Lagoa dos Patos, o peixe-rei, a loja dos meus pais, o fogareiro de ferro e a minha inocência. Desconsoladamente, saio pela porta dos fundos para não repetir as explicações desgastadas. Como o pão, guardo o miolo para os mais velhos, ergo as cores desbotadas que anunciam o uso antigo das mesmas roupas, resolvo espaçar as dificuldades. Limito o abatimento por não haver consolo suficiente. Naufrago sem aviso diante da irrequieta tentação de extrair um último abraço que

atenue a impotência de não poder voltar no tempo. Olho atentamente. Espero passar a borracha antes que o tempo me desmanche.



ASPIRAÇÃO

Fica estabelecido que ando muito ocupado, sem tempo para atender aos desamparados, à falta de abraços, aos ódios sem endereço, às dificuldades de escrever, às fortunas anônimas e às lápides inominadas. E também, aos perdidos de amor, aos loucos que não deliram, garçons demorados, vento na cara, derrotas injustas, mesa bamba, sustos, gol contra, fúrias descontroladas, discurso disperso, dor de dente, gritos, fofocas, evidências omitidas ou enaltecidas, rituais, zelo hipócrita, falsa erudição, correção de condutas, furão de fila, erros repetidos, burros convictos, tempo perdido, gente atrasada, pessimista metido a realista, ex-qualquer coisa, quem não escuta, quem reza em causa própria, quem fala uma coisa e faz outra, quem

extravia o livro alheio.

Ando à procura de quem faça as pazes, faça cerimônia, faça a cama, beije com gosto, abrace intimamente, atraia, me favoreça alguma inspiração, me perdoe os excessos, que prove da minha comida, tenha bom humor para distribuir, faça falta, dê ideais, cante, torça pelo Botafogo, faça promessas e as cumpra, que guarde uma cópia das minhas chaves, que me leve a passear, que me proteja da fúria própria e alheia, que me faça gozar em paz e me atravesse favoravelmente, que invente estacionar meu desejo, garantindo que ele não irá entrar numa fria.



GOSTAR

Gostar sem limites, manchar a boca, gostar por gostar, do começo ao fim, enxertar ilusões, gostar dedicando ao impossível o próximo sonho de amor, gostar enviesando o corpo, subindo vielas, tropeçando na fuga; gostar como criança, sem burla, inundado,

afogado, gostar com os ânimos quentes e as mãos frias, gostar ao extremo até os cem anos; gostar dos peitos, das nádegas, das coxas, da barriga preta, da mão pedinte, do olhar que acalma. Gostar nomeando, escalando, gostar da boca fechada, da boca aberta, do grito que goza e do silêncio que consente. Gostar com ciúme, com segredo. Gostar no perigo e na calma, do suor que escorre inconveniente, denunciando o quanto temo gostar. Gostar da ausência e da presença, da dispensa, da não obrigação de gostar até desaparecer pouco a pouco, lamentando ter que parar de tanto gostar.



POR FORÇA DA TRADIÇÃO

Por tradição ensinaram-me a afastar a palavra fria, acatar quem ordena, nunca chorar de cortar o coração, tratar a febre quando excessiva e jamais prometer um amor definitivo. Saber ficar horas sem dizer nada ao outro. Acostumar a vestir o que é cômodo. Abrir

livros para aprender. Cotizar na carestia e, sempre que possível, pensar para ultrapassar a limitação. Costear os montes e não nadar em águas desconhecidas. Não oferecer intimidades a quem não saiba reservá-las. Evitar quem tenha palácios e cavalos agitados. Ser prudente. Mudar o rumo na mudança dos ventos. Objetar e duvidar. Defender por princípio. Evidenciar a convicção para não deixar dúvidas onde não valha a pena. Não ficar só no singular, desejar como necessário, permitido e indispensável.



RETOMADA

Descansa. Dou-te a palavra que principia essa declaração. Estive à mercê do teu sim, perdi fôlego, crença, confiança, já não entendo a desfeita, já não pretendo qualquer coisa. Afasto-te do meu centro, anulo as promessas, desonero-te de ensinar-me aquilo que eu não sabia e que agora já posso te ensinar; crer e sofrer contigo aprendi. Acumulo penas, me privei

de pedir ajuda, não me atrevo a sustentar o amor que por ti senti. Tive o cuidado de desencantar-me devagar para fazê-lo definitivo, sem riscos de arrependê-me. Minha boca guarda a palavra que possa trair minha intenção de partida e omissão. Não faltam razões para esquecer-me de ti, tentar ficar insensível, imobilizar esse estado selvagem que me envolve. Minha vontade ficou tênue, decidi parar de estontear a razão. Tirar a alegria, priva. Tirar as amarras, liberta. Demovido fiquei das certezas, que desorientado, alentei, pensando-te conquistada.



BEIJOS GUARDADOS

Tenho beijos guardados, não dados espreitam uma chegada. Tenho tantos brotando espontâneos, crescentes, reservados, primitivos, fraternos, eróticos, provocativos, pueris, com e sem história, causa e consequência. Longos e tranquilos, furtivos e apressados, invasivos, humildes e ambiciosos. Conhecem rostos de memória, bocas sedentas, olhos

clamando luz, carícias devolvidas, amores reprisados, desenganos repetidos, histórias inventadas, máscaras, anteparos. São beijos para todas as cores, sabores, intenções. Beijos que acolhem e despedem.



ALMA POROSA

Do fundo da minha alma calo e assisto a um sentir que faz mais sentido sendo quieto do que dito.

Havendo sobrevivido, aprendi a cair, perder pedaços com cada morto amado em vida. Sobreviver como se houvesse perdido tudo. Salvadas as lembranças, retomado o rumo, que me banhem o sol e a lua.

Já não basta uma inocente desculpa para não seguir. Novo passaporte, a troca do impacto pelo nada. Escolho a rua, o passo, a comida, a marca do café, a hora do sono. Rompo as margens, a vida libertada, não circunscrita a nada, nem a ninguém.

Minha alma ficou tão porosa, que deixa a vida por ela passar, a vida que passa, que passa, que muito rápida já passou.

COMO VENTANIA

O amor ingênuo chega e entra como vento ou brisa, porque não teria coragem de chegar e ficar, tal o medo de existir. Cada um sabe, porém, que incômodo é ser o amado e o amante em segredo, e perceber, através dos silêncios, que as pessoas percebem e sabem, ainda que nada digam. Porque os olhos enamorados confessam todo o tempo. Pelo tanto de inveja que provoca, é melhor deixar tal amor sem anúncio e sem consciência de si.



CATO ENREDOS

Não há mais espaço para o que me importa. Agora sei o quanto é sério controlar tantas vontades de viver. Possivelmente, forças acessórias, relegadas a um canto em desuso, recuperam sua ânsia, são como campainhas abandonadas que me despertam para atendê-las. Quando eu já estava silencioso e o

silêncio já não mais me preocupava de tão esquecido, as vontades não nascidas ali, transcritas ao longo de gerações, despejaram em mim um desfile de urgências importantes.

Enquanto as pedras acatam o pó que a elas cresce, eu me debato farto de abraços breves, de retiradas sem aviso, de tantas bocas usadas, de tantas almas magoadas.

Todas as proteções tentadas ficaram nas promessas, todos os refúgios ocupados. Cato enredos para definir a próxima cena.



UM BORDÃO INVENTADO COMO GRITO

Minha infância é minha sombra, vai comigo aonde vou, me faz gritar canções de ninar, tristes guardados. Quero, por um lado, deter os espantos; por outro, esses lutos delirantes não encontram paz. Buscando amparo, peço que me deixem em paz todas essas saudades.

Minhas carências se burlam na blindagem, aprendo a chorar, entro pelo único lugar onde a previsibilidade

não alcança chegar, me empenho em não ser vulnerável, exposto ao desamparo, me agarro em alguma abundância que me encoraje a não perder a dignidade por saber que os anjos não estão disponíveis para consolar desencantados.
A vida é consequência enquanto se instala todo o resto.



FLORES E RAÍZES

Tantas as vidas, tantas as mortes, sempre os mesmos amores, permanecidos, embora um pouco esfolados. Abatidas algumas convicções, as incertezas andam buscando repousar em alguma guarida. Salvaguardada a pele, a memória, esquecidas as dores, afastadas as decepções, aceitas as idas e vindas, lanço âncoras nas águas marinhas onde guardo a alma restaurada. Cancelo as ofensas nuas e cruas, distribuídas na mão e na contramão.
Implanto, transplanto, refaço o já feito. Procuro canteiros em grandes quantidades. Amo por varejo, necessito por atacado.

SINAIS DE VIDA

Saio por aí descobrindo coisas novas que interrompam a habituação. Devagar, vou ver o cotidiano invisível, a cena que está ali a meu lado que nunca vi. Recolho a cor, a voz próxima, a boca que sussurra morena. Gozo e sofro em silêncio pela consciência que desabrocha em mim. Frente a mim, uma mulher vestida de negro anuncia um luto de onde não consegue escapar. Suas palavras são lamentos não escutados.

Detendo-me em ser quem sou. Minhas noites não alcançam ser tranquilas. Apenas uma paz cheia alternada com a amargura e um rigor inútil me fazem companhia.

Sem âncora, quero entrar em uma aventura para disputar outros caminhos. Entrar apagando as recordações, porém um desespero me arrebatava a paciência e afunda minha triste convicção.

ACEITAR VIVER

Há assunto mais funesto que uma vida mal vivida? Foi somente ante o rigor de graves leis biológicas, contra as quais não funciona nenhuma defesa, que me aceitei finito. Foram oportunas as presenças de uma artrose, uma dor de coluna, uma incomoda tradição de ir perdendo as forças nas pernas, um certo furor inverso onde, somados todos os músculos valem por um de antes.

O atual humor de reunir todos maus humores no corpo desanima o sonho de envelhecer sem decadência. Uma imensa e comum esperança rege a fantasia em muitos de meus momentos. Mesmo sabendo da sua inutilidade nada me impede de reanimá-la, de tempo em tempo. Um misterioso pressentimento não permite que essa minha certeza caiba em mim, perder deveria ser uma coisa natural. As preferências seriam eternas, o tempo qualificaria a todos e a tudo, a experiência de vida refinaria a repetição, a antecipação seria evitada, o entusiasmo contagiaria, a história daria lealdade ao afeto e o corpo obedeceria, a voz não enrouqueceria e os gritos seriam acudidos.

LACRE DO AMOR

Fiz-me uma unidade segura. Caçador de sonhos, invento ter a posse dos lacres do amor para ir contigo até o medo que me afunda. Esse sentir anda dentro de mim, minha ternura tem o compromisso sincero de surpreender. Os prudentes me dizem que dessa vez até Deus duvida e converte-me minha insensatez em cômico desengano. Todas as minhas lástimas ficam como honestas dores.



Roberto Curi Hallal

